—*O rompimento do Cearense* contra os Equilibristas. A desvantagem e sem razão de semelhante proceder. Opposição do Senador Alencar a este rompimento. Consequencias perigosas das divisões dos partidos. A conciliação geral como unico meio de salvar a provincia. Ceará, 23 de Fevereiro de 1847. Typ. de Joaquim Antunes de Oliveira, Rua do Quartel n.º 3.

—*Ligeiras observações* sobre algumas enfermidades dos orgãos annexos ao globo occular e a Ophtalmia aguda em geral, these apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada em 27 de Maio de 1850. Foi approvada com distincção e louvor. Impressa na Typ. de Francisco de Paula Brito, Praça da Constituição n.º 64, Rio.

—*Refutação ás calumnias* de Antonio Theodorico. Fortaleza, 1866, Typographia Brazileira de João Evangelista, Rua Formosa, n.º 88.

—*A chegada nesta capital* (do Ceará) no dia 26 de Junho dos presidentes: do Maranhão, o Sr. commendador Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior; do Pará o Sr. Barão da Villa da Barra; e do Amazonas o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto, etc. Fortaleza, 1872, 8 pp. de 2 columnas, in 4.º.

JOSÉ MANOEL DOS SANTOS BRIGIDO (Padre).—Natural do Icó, nasceu no primeiro decennio do seculo passado.

Ordenou-se no antigo seminario de Olinda, e foi vigario do Exú, em Pernambuco, do Jardim neste Estado, do Papari no Rio-grande-do-norte, finalmente do Pereiro neste Estado.

Falleceu em 1879, tendo dado exemplos alli da maior abnegação por occasião da peste e fome. Resistiu ás maiores penurias, succumbindo entre seus parochianos assoberbados pela miseria, apesar de instancias de seus parentes e amigos, para retirar se.

Foi advogado de Pinto Madeira, affrontando no jury do Crato a sanhudos inimigos delle que queriam a sua morte e o fizeram fusilar, obstando e recusando o recurso interposto da sentença de morte.

Em viagem para Pernambuco, ainda estudante, assignalou-se pela sua coragem num combate em que tomou parte contra os negros *catucás*, nas mattas de Pernambuco, sendo um dos viajantes que melhor se houveram nessa lucta até a dispersão do bando, por morte do chefe delles.

Professava tambem a advocacia e era civilista notavel. Foi deputado provincial do Rio grande-do-norte na legislatura de 1847 a 1851.

JOSÉ MARIA VOSSIO BRIGIDO.—Filho do Coronel Raymundo Vossio Brigido, nasceu na antiga villa de Imperatriz em 1870. Fez o curso de preparatorios no Lyceu do Ceará. Poeta e delicado conteur, collaborou em muitas folhas litterarias do Ceará, Alagôas e Paraná, e é um dos fundadores da *Padaria Espiritual*, com o pseudonymo de Moghar Jandyra.

Tem promptos dous volumes, um de *Contos* e outro de versos, *Deluculos*. Reside no Estado de Paraná, aonde é 1.º escripturario da Alfandega.

JOSÉ MARIANO DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI.—Nasceu a 20 de Maio de 1772 na fazenda Pau cahido, da povoação e hoje cidade de Sant'Anna, e foram seus progenitores o pernambucano Antonio Coelho de Albuquerque e D. Maria da Conceição do Bomfim, natural de Sobral.

Transportando-se para Pernambuco onde vivia poderosa a familia paterna, apezar de lhe escassear a protecção que della esperava conseguiu as sympathias de João de Barros Lima, o Leão coroado das chronicas Pernambucanas, e a seu conselho abraçou a carreira das armas; isso levou-o a tomar

parte conspicua na Revolução de 1817, que se iniciou pela morte do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro e se estendeu a outras Provincias, o Ceará inclusive.

Vencida a revolução, foi José Mariano recolhido ás prisões do Recife e remettido no brigue Mercurio para as da Bahia. Entre seus companheiros de infortunio figurava o Desembargador Antonio Carlos.

Victorioso em Portugal em 1821 e no Brasil o partido da Constituição, El Rei D. João 6.º deu amnistia a todos os presos politicos, mas não aproveitando a José Mariano a amnistia porque, alem de re voltoso, accusavam-o do assassinato do Brigadeiro Manoel Joaquim, foi elle condemnado a degredo perpetuo para um dos presidios da Asia, pena que tambem não foi cumprida.

Remettido para Lisboa e logo depois perdoado graças ao valimento de amigos poderosos, voltou ao Recife e ahi foi do numero dos patriotas que concorreram para a deposição da Junta organisada com a expulsão de Luiz do Rego.

Restituido á sua patente de tenente Secretario do Regimento a que pertencia, pediu e obteve reforma.

Com a proclamação da Independencia e convocada a Constituinte foi José Mariano um dos deputados que representaram nella o Ceará e nesse posto jamais desertou das ideias e principios liberaes.

Após a abdicação do 1.º Imperador, foi nomeado presidente do Ceará. A Carta de sua nomeação traz a data de 29 de Agosto de 1831. Entregou-lhe as redeas do governo o vice-presidente Rocha Lima a 8 de Dezembro do dito anno.

José Mariano teve logo que enfrentar com Pinto Madeira, Vigario Antonio Manoel e seus partidarios, os quaes muito animados com a victoria de Burity

haviam invadido varios pontos da Provincia. Em pessoa foi elle dar lhes combate, fazendo-se preceder do Major Torres a testa de grande numero de praças.

São peripecias dessa lucta fratricida a derrota dos revoltosos em Missão Velha, a fuga de Pinto Madeira e do Vigario Antonio Manoel para Jardim e posteriormente para Sousa pelo logar Porteiras, a volta de Pinto Madeira ao Crato, a chegada do general Pedro Labatut ao campo das operações, a rendição dos revoltosos, inclusive os chefes, no logar Correntinho, e o regresso de José Mariano para Fortaleza, onde chegou a 16 de Setembro de 1832, havendo então grandes manifestações de regosijo, entre as quaes um espectaculo de gala no theatro Concordia com a representação da tragedia Bruto, e a fundação da Sociedade Philopatria da qual foi acclamado presidente o proprio José Mariano.

Durante seu governo, que se protrahiu até 26 de Novembro de 1833, teve logar a execução do Codigo do Processo Criminal (Maio de 1833), foi installada a Thesouraria da Fazenda (8 de Julho de 1833) e rebentou a sedição militar de 10 de Novembro chefiada por Torres, João Antonio de Noronha, Soares Carneviva e João Pedreira.

Substituiu a José Mariano na presidencia da Provincia o Tenente-Coronel Ignacio Correia de Vasconcellos, chegado a 23 de Novembro a bordo da Corveta Bertioga.

Em Maio de 1834 José Mariano tomou assento na Camara Temporaria e encerrada ella presidiu as Provincias de S. Catharina (1835—36) e Sergipe (1837), retirando-se dessa ultima por motivo da renuncia do regente Feijó.

Falleceu a 20 de Agosto de 1844 no seu sitio Guapémerim, provincia do Rio de Janeiro.

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR (Senador).—Nas-

ceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 16 de Outubro de 1794 e teve por mãe uma heroina, D.ª Barbara Pereira de Alencar, mulher que era do negociante portuguez José Gonçalves dos Santos.

Tendo seguido para Pernambuco, entrou para o Seminario de Olinda, e simples diacono e estudante de rhetorica mereceu por seus talentos, ligações de familia e principios liberaes, que professava, ser escolhido pelos revoltosos de 1817 para vir ao Ceará a serviço das novas ideias. Contava-se em beneficio da revolução principalmente com a influencia que elle exercia sobre o animo do padrinho e protector, o Vigario do Crato Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, grande amigo do popular Capitão-mór Filgueiras.

A 3 de Maio Alencar proclama do pulpito a republica entre alegrias e adhesões, mas, logo alguns dias depois, faltando-lhe o apoio de Filgueiras, que se declara pela contra-revolução, vê se preso com sua mãe e mais pessoas salientes da familia, algemado e conduzido a Fortaleza, de cujas apertadas prisões foram enviados ás do Recife e posteriormente ás da Bahia.

Serenadas as paixões e restituido Alencar ao Ceará, foi elle eleito 1.º supplente nas eleições a que se procedeu no Brazil a 24 de Dezembro de 1821 para deputados á Constituinte Portugueza e porque o deputado José Ignacio Gomes Parente não poude por doente tomar assento, foi elle representar ali o Ceará.

Manietados em seus tentamens patrioticos, mal vistos e perseguidos, varios dos representantes Brazileiros, e entre elles Alencar, abandonaram as Cortes e fugiram para Falmouth na Inglaterra onde publicaram manifesto explicando as causas do seu proceder.

No entretanto operava-se no Brasil o 7 de Se-

tembro e D. Pedro convocava uma Constituinte a reunir-se no Rio de Janeiro. Para esse conclave de Brazileiros illustres por seu saber e patriotismo designou o Ceará a Alencar como um dos seus representantes, mas dissolvido o Parlamento voltou Alencar ao Ceará e veio tomar parte na Confederação do Equador, da qual foi um dos deputados eleitos e cujas ideias e programma aliás desconfessou em uma celebre Supplica, cujo original tenho em meu archivo, Supplica que preparou o terreno para que fosse julgado innocente pela Commissão Militar, que a outros menos protegidos levou ao patibulo.

A partir de 1830 a vida publica de Alencar se enche de factos memoraveis. Naquelle anno o Ceará e Minas Geraes o escolhem para deputado e elle, como era natural, prefere a provincia natal, sendo substituido em Minas pelo respectivo supplente João Antonio de Lemos.

Seguem-se o 7 de Abril e os successos que occasionaram a abdicação; apoz vem sua escolha para Senador por Carta de 10 de Abril de 1832, para presidente do Ceará por Carta de 23 de Agosto de 1834, periodo em que teve logar o assassinato juridico de Pinto Madeira e se installou a Assembléa Legislativa Provincial, de novo para presidente do Ceará em 1840 por Carta de 10 de Setembro, deixando o cargo pela demissão do Ministerio da Maioridade cujo delegado era. Sempre considerado um dos proceres e mentores do partido liberal, o Senador Alencar falleceu no Rio de Janeiro a 15 de Março de 1860. Foi victima de um accesso pernicioso.

Alem de seus innumeros discursos parlamentares escreveu Alencar:

—*Oração funebre* que pelo motivo da morte da muito alta e muito poderosa Imperatriz do Brazil, a senhora dona Maria Leopoldina Josepha Carolina, recitou no funeral que fez a camara da capital da

provincia do Ceará no dia 13 de Fevereiro de 1827, Ceará, in 8.º de 12 pp.

Foi reimpressa na Exposição das exequias de Sua Magestade a Imperatriz do Brazil etc., Rio de Janeiro, 1840.

— *Carta*, que, aos eleitores da provincia do Ceará dirige José Martiniano de Alencar, deputado pela mesma provincia. Rio de Janeiro, Typ. de Torres, 1820, 20 pp.

— *Preciso dos successos* que occasionaram o grande acontecimento do faustoso dia Sete de Abril, dirigido aos cearenses pelos seus deputados. Rio de Janeiro, 1831, 3 pp in folio. Assignaram tambem esse documento Manoel do Nascimento Castro e Silva, Antonio Joaquim de Moura, Manoel Pacheco Pimentel e Francisco de Paula Barros.

— *Resposta* dada ao Senado pelo Senador José Martiniano de Alencar sobre a pronuncia contra elle feita pelo Juiz Municipal da 2.ª vara Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja no processo organisado na Corte pelos movimentos de S. Paulo e Minas. Rio de Janeiro. Typ. Nac., 1843, in 4.º de 13 pp.

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR (Cons.º) — Esse illustre Cearense, o creador do romance Brasileiro, dramaturgo, poeta, jurisconsulto, parlamentar, nasceu em Mecejana a 1 de Maio de 1829. Foi seu pae o Senador José Martiniano de Alencar, acima citado.

Aos dezesete annos, e depois de haver feito os estudos preparatorios no collegio Januario Matheus Ferreira, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo e fez a formatura em 1850, havendo, porem, estudado o 4.º anno em Pernambuco. Em 1848 fundou a Revista *Ensaios Litterarios*, de que foi redactor principal, e na qual entre outros publicou um trabalho sobre o indio Camarão.

Tendo mudado de residencia em 1850 para a Capital do Imperio, abriu ahi banca de advogado.

Pouco depois recebeu a nomeação de professor de Direito Mercantil no Instituto Commercial.

De 1851 a 1855 fez parte do corpo redaccional do *Correio Mercantil*, sendo desse tempo seus notaveis folhetins sob o titulo *Ao correr da penna.*

Foi então egualmente collaborador do *Jornal do Commercio.*

Em Outubro de 1855 chamou a si a direcção e redacção do *Diario do Rio de Janeiro* em que se accentuaram seus meritos de jornalista.

Nas columnas do *Diario* appareceram suas celebres *Cartas sobre a confederação dos Tamoyos*, o conhecido poema de Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaya. Assignava os com *Ig*, as primeiras lettras do nome Iguassu, a heroina do poema.

Em 1859 foi nomeado chefe de secção da Secretaria do Ministerio da Justiça.

Em 1860 os Cearenses fizeram o seu representante na Camara Geral, facto que por vezes, e mui merecidamente, se repetiu (1869, 72 e 77).

Em 1869 subindo ao poder o partido conservador, o Marquez de Itaborahy, organisador do Ministerio de 16 de Julho, convidou a José de Alencar para a pasta da justiça. Divergencias no seio do Gabinete forçaram-o a abandonar o posto a 10 de Janeiro de 1870 e a lançar-se no campo da opposição.

De 1869 a 1870 redigiu o *Dezeseis de Julho.*

Por motivo de molestia transportou-se a Europa em 1876, mas não logrando restabelecer-se voltou á patria para fallecer no Rio de Janeiro a 12 de Dezembro de 1877. Victimou-o uma affecção pulmonar.

Levou-o a morte quando estava a imprimir o seu poema *Os filhos de Tupan*, de que pretendia tirar uma pequena edição para distribuir entre os amigos.

São os seguintes os primeiros versos dessa sua notavel producção:

I

Ao deserto, minh'alma! Sobre os pincaros
Da branca penedia, emquanto o vento
Nos antros da montanha ulula e brame,
Solte a rude poeema o canto fero
Dos filhos de Tupan. E ruja a inubia
Troando pela varzea os sons bravios.

II

Salve, Amazonas! Rei dos reis das aguas,
Tamuy dos rios, filhos do diluvio!
Mar, que do bojo golphas tantos mares,
Fonte do abysmo que serveu a America,
E mais tarde,—quem sabe?—ha de sumil-a.

Salve, Amazonas! Como o sol és unico,
Gigante, que o maior dos oceanos
Gerou nos flancos da maior montanha!
Monstro voraco, o mundo tragarias
Se Deus, te soffreando a furia indomita,
Não cavára em principio o vasto Atlantico,
E só para conter-te a immensidade.

És origem do liquido elemento
Que circumda o universo? E's tu que pejas
Do pelago sem fim as profundezas,
Onde matam a sêde o céo e a terra?
És pai das ondas, ou tyranno dellas?

Colosso ingente, que fundiu em aguas
O verbo de um artista omnipotente,
A cabeça reclinas sobre os Andes
Ao céo rasgando as largas cataractas.
O dorso enorme resupino estendes,
Pela terra que verga com teu peso;

Os mil braços, que alongas pelas serras,
Abrangem tanto espaço que outros mundos
Couberam inda neste mundo novo,

Feito para teu berço. Com desprezo
Aos pés o collo esmagas do oceano,
Que mugindo se roja pelas praias;
Mas prostrado e vencido, não vassallo,
O mar soberbo ás vezes se revolta.
Alçada a fronte, a juba desgrenhada,
S'erriça e raiva e ruge e ronca e troa;
E a longa, immensa cauda, destorcendo,
Te enlaça o corpo no impotente esforço.

Tem José de Alencar numa das praças da Capital Federal uma bella estatua, devida ao esculptor Rodolpho Bernardelli e inaugurada a 1 de Maio de 1897. Sobre tão justa homenagem ao grande cearense lêa se a Revista do Ceará correspondente ao anno de 1897..

Quando o Ceará pagará a Alencar egual tributo, honrando-se a si e ao filho, que tanto o celebrisa?

A lista dos trabalhos deixados por José de Alencar é muito extensa; aqui consigno os principaes:

—*O Guarany*: episodios da historia do Brasil nos tempos coloniaes, Rio de Janeiro, 1857, 4 volumes in-8.° Ha 2.ª edic. de Paris, 1868, em 2 volumes, 3.ª e 4.ª edic. tambem de Paris, 2 volumes in-8.°, 5.ª edic. sahida no Rio de Janeiro em 1887. Essa notavel producção appareceu primitivamente em folhetins no *Diario do Rio de Janeiro*, 1856. Desse romance que é o mais popular de tantos, que escreveu, ha traducções em francez, allemão, italiano e inglez. Ninguem ignora que do seu contexto fez o poeta Scalvini o libreto para a opera *O Guarany*, que immortalisou o maestro Carlos Gomes.

—*O Marquez de Paraná*, traços biographicos, Rio de Janeiro, 1856, in-16, de 35 pp. com retrato.

—*Cinco minutos*, *A viuvinha*, romance, Rio de Janeiro, 1856, 85 pp. in 8.º

—*O demonio familiar*, comedia em 4 actos, Rio de Janeiro, 1857, in 8.º de 159 pp. E' uma obra de propaganda contra a escravidão.

—*Verso e Reverso*, comedia em dous actos, Rio de Janeiro, 1857, in 8.º de 78 pp.

—*Carta* que aos eleitores da provincia do Ceará dirige etc., Rio de Janeiro, 1860, 20 pp. in folio.

—*A noite S. João*, comedia lyrica em 2 actos. Fez a musica o maestro Elias Lobo. Rio de Janeiro, 1860, in 8 º de 49 pp.

—*As azas de um anjo*, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, Rio de Janeiro, 1860, in 8.º de 215 pp.

—*Lucíola*, perfil de mulher, Paris, 1862, 194 pp. in 8.º. Teve 2.ª, 3.ª e 4.ª edic. todas de Paris, e 5.ª, do Rio de Janeiro.

—*As Minas de prata*, romance historico, Rio de Janeiro, 1862. Esta edição não ficou completa; seguiu-se lhe uma outra, Rio de Janeiro, 1865, 6 vols. in 8.º Desse romance ha tambem uma edic. de Paris, 1877.

—*Diva*, perfil de mulher, com 3 edições de Paris, 1861, in 8.º de 164 pp., Paris, 1868, Paris, 1870.

—*Iracema*, lenda do Ceará, Rio de Janeiro, 1865, in 8.º Lenda deliciosa de aroma, ensopada de poesia, magnificamente esplendida, bordada na vehemencia d'uma candidez scismadora, como diz Pereira de Sampaio no seu *O Brazil Mental*, pag. 84.

O editor David Corazzi, de Lisboa, incluiu a *Iracema* entre os volumes da *Bibliotheca Universal, antiga e moderna*.

Alem da edic. de 1865 ha mais uma de 1870, outra, essa de Paris, de 1875, outra de 1896.

E' a mais Brasileira das obras do autor, e é unica no genero.

Da *Iracema* ha uma traducção ingleza, devida á penna de Burton.

—*Ao Imperador, cartas politicas de Erasmo.* Rio de Janeiro, 1865, in 8.º de 92 pp. Com 2.ª edic. em Paris, 1865, e 3.ª no Rio de Janeiro, 1866.

—*Ao Imperador, novas cartas politicas de Erasmo,* Rio de Janeiro, 1866, 82 pp.

—*Ao Povo, cartas politicas de Erasmo. Ao Marquez de Olinda, ao Visconde de Itaborahy.* Rio de Janeiro, 1866. São anonymas.

—*Pagina da actualidade. Os Partidos.* Rio de Janeiro, in 4.º de 32 pp.

—*O juiso de Deus. Visão de Job,* pamphleto politico, Rio de Janeiro, 1867.

—*Uma these constitucional.* A Princeza imperial e o principe consorte no conselho de Estado, Rio de Janeiro, 1867.

—*A corte do leão,* obra escripta por um asno, Rio de Janeiro, 1867, in 4.º de 16 pp.

—*O Marquez de Caxias,* biographia, Rio de Janeiro, 1867, in 4.º

—*A Expiação,* comedia em quatro actos, Rio de Janeiro, 1868, in 8.º de 148 pp.

—Camara dos Deputados. Discussão do voto de graças. *Discurso* proferido na sessão de 9 de agosto de 1869. Rio de Janeiro. Typ. de J. A. dos Santos Cardoso, rua de Gonçalves Dias n.º 60, 1869.

Nesse tempo J. de A. era Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça.

—*O Gaúcho,* romance brazileiro por Senio, Rio de Janeiro, 1870, 2 vols. in 8.º

—*A pata da gazella,* romance brazileiro por Senio, Rio de Janeiro, 1870

—*O tronco do ipé,* romance brazileiro por Senio, Rio de Janeiro, 1871, 2 vols. in 8.º

—*Sonhos de ouro,* romance brazileiro por Senio, Rio de Janeiro, 1872, 2 vols. in 8.º

—*Guerra dos mascates,* chronica dos tempos coloniaes, por Senio, Rio de Janeiro, 1873, 2 vols. in 8.º

—*Alfarrabios,* chronicas dos tempos coloniaes,

Rio de Janeiro, 1873. São 2 vols. in 8.º, o 1.º dos quaes contem *O garatuja*, e o 2.º *O ermitão da Gloria* e a *Alma do lazaro*.

—*O Novo Cancioneiro*, serie de cartas a um amigo, 1874.

—*Ubirajara*, lenda tupy, Rio de Janeiro, 1875, in 8.º de 208 pp.

—*Til*, romance brazileiro, Rio de Janeiro, 1875, 2 vols. in 8.º

Está tradusido em allemão por G. Th. Hoffmann.

—*Discursos* proferidos na Camara dos deputados durante a sessão de 1874. Rio de Janeiro. Typ. de J. Villeneuve & C.ª 1874, em 8.º de 122 pp.

—*Senhora*, perfil de mulher, Rio de Janeiro, 1875, em 2 vols. in 8.º

Essa obra, bem como *Luciola* e *Diva* estão assignadas por G. M.

—*O jesuita*, drama em 4 actos. Rio de Janeiro, 1875, in 8.º de 229 pp.

—*Encarnação*, romance publicado nas columnas do *Diario Popular*, Rio, e cujo preço monetario foi applicado pelo autor ás victimas da secca de 1877. Já anteriormente o *Guarany* contribuira com um conto de réis para a Santa Casa de Misericordia de Fortaleza.

—*Esboços juridicos*. Rio de Janeiro B. L. Garnier, Livreiro editor, 71 Rua do Ouvidor, 1883. 239 pp. com uma introducção.

—*A propriedade*. Com uma prefação do Exm. Sr. Cons.º Antonio Joaquim Ribas. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro editor, 71 Rua do Ouvidor, 1883. 259 pp. e 12 capitulos. A prefação é de 12 pp.

—*Como e porque sou romancista*, editado por seu filho Mario Alencar em Abril de 1893.

—*O credito*, comedia em 5 actos, publicada na Revista Brazileira, 1895—95. Foi escripta em 1857.

Não conheço estudo sobre uma individualidade Brasileira que se avantaje ao de Araripe Junior sobre

Alencar (*Literatura Brazileira*, José de Alencar, 1.ª edic. de 1882 e 2.ª edic. de 1894, in 8.º de 204 pp).

Vê-se desse estudo que Alencar deixou larga copia de trabalhos ainda ineditos.

Alem do citado trabalho de Araripe consultem-se sobre Alencar:

Magalhães de Azeredo, *José de Alencar*, discurso pronunciado no Cassino Fluminense em 1894.—José Verissimo, *Estudos Brazileiros*, Rio de Janeiro, 1877—1885, e *Estudos de Litteratura Brazileira*, Rio de Janeiro, 1903.—Sylvio Roméro, *A Litteratura Brazileira, e a Critica Moderna*, Rio de Janeiro, 1880.—Brandão Pinheiro, *Estudos Litterarios e Biographicos*, Rio de Janeiro, 1882.—Lopes Trovão, *José de Alencar, o romancista*, Rio de Janeiro, 1897, na Bibliotheca da Livraria do Povo.—Teixeira de Mello, *Ephemerides Nacionaes*.

O Ceará Illustrado, anno 1.º, n.º 2, de 11 de Março de 1894, traz o seu retrato e biographia.

Dando o seu retrato, que é muito fiel, o *Contemporaneo*, de 30 de Novembro do mesmo anno de 1877, conclue por estes termos as linhas que lhe consagra:

«A José de Alencar, que é tambem um abalisado jurisconsulto e valente tribuno politico, bastam as glorias litterarias para que o seu nome brilhe perduravel, em lettras de ouro, no grande livro da patria».

JOSÉ MARTINIANO PEIXOTO DE ALENCAR.—Filho de Carlos Augusto Peixoto de Alencar e natural de Fortaleza, nasceu a 18 de Setembro de 1841.

A 4 de Fevereiro de 1865, com seu irmão Napoleão Peixoto de Alencar, offereceu-se para marchar para a guerra contra o governo do Paraguay, e 4 dias depois no jornal *Pedro 2.º* publicou proclamação enthusiastica convidando os seus patricios para, com elle, defenderem os brios nacionaes.

José Martiniano disputa a Israel Bezerra (veja-se esse nome) a honra de ter sido o primeiro cearense que se alistou como voluntario, sendo acceito seu patriotico offerecimento pelo presidente de então Conselheiro Lafayette Roiz Pereira; percorreu o districto da Capital e a Serra de Baturité e fez acquisição de um grande numero de companheiros, incendidos, como elle, em generoso amor patrio.

A 5 de Abril de 1865 embarcou com o 1.º corpo de voluntarios, que receberam na occasião da partida uma bandeira offerecida pelas senhoras cearenses.

No theatro da guerra de sua fé de officio consta o seguinte: Passou o Paraná para o territorio Paraguay a 16 de Abril de 1866.

Assistiu aos combates desse dia, e ao de 17 do mesmo mez, junto ao forte de Itapirú. Assistiu ao combate de 2 de Maio, no qual teve na parte dada por este côrpo a seguinte informação — Este official era o porta bandeira; e mostrou com que valor sabia sustentar a bandeira, que suas comprovincianas lhe tinham entregado na occasião de partir do Ceará este Corpo.—Assistiu á passagem do Estero Bellaco a 20 do citado mez de Maio, e á batalha de 24, na qual foi ferido e baixou ao hospital de sangue na mesma data.

Em virtude da ordem do dia do Quartel General do Commando em chefe do Exercito, sob n.º 125, de 5 de Fevereiro de 1867, foi excluido a 14 de Outubro do mesmo anno, por ter seguido para o Brazil.

Regressou ao Ceará a 27 de Setembro de 1866.

Por Decreto de 17 de Agosto de 1866 foi condecorado com a venera de cavalleiro da Ordem de Christo, e a 8 de Maio de 1867 nomeado alferes honorario do exercito.

Em 1862 serviu, gratuitamente, como praticante da Secretaria do governo por 8 mezes.

Por acto de 16 de Novembro de 1867 foi nomeado Alferes do Corpo de Policia. A 7 de Outubro de 1869 pediu e obteve exoneração do dito posto.

Foi deputado provincial no biennio de 1882 a 1883.

Em 1899 foi nomeado Tenente-Coronel Commandante do Batalhão de Reserva de Fortaleza.

Por Decreto de 10 de Novembro de 1898 foi nomeado 1.º supplente do Juiz substituto Seccional da circumscripção de Porangaba, onde actualmente reside.

Em Novembro de 1889 a Republica Argentina o agraciou pelos serviços prestados na guerra contra o Paraguay.

JOSÉ MENDES DA CRUZ GUIMARÃES (Coronel).— Socio de importante firma commercial de Fortaleza, mas infeliz no ultimo periodo de sua existencia. Coronel de legião e com a reforma da guarda nacional Chefe do estado maior do commando superior de Fortaleza, posto em que se reformou em 1859.

Falleceu em Fortaleza na noite de 23 de Novembro de 1874, victima de uma congestão cerebral. Contava 73 annos de edade.

Era cavalleiro da Ordem de Christo.

JOSÉ MENDES DA CRUZ GUIMARÃES.—Filho primogenito do Commendador Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, de quem já me occupei, nasceu em Fortaleza a 14 de Fevereiro de 1825.

De volta da Europa onde fez sua educação, entregou-se á vida do commercio e fez parte da firma Pacheco e Mendes, de grande importancia na Capital da Provincia, e em Aracaty. Nesta ultima localidade foi chefe do estado maior da guarda nacional. Mudando-se para a provincia do Rio Grande

do Norte abraçou a vida de agricultor e montou o engenho chamado da Bica no termo do Ceará-mirim.

Falleceu de febre biliosa a 26 de Dezembro de 1878 em Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Do seu casamento, que em 1857 celebrou com sua prima D. Quiteria Pacheco Mendes ficaram-lhe varios filhos, entre os quaes o Dr. J. Mendes Pacheco, que foi juiz municipal em Goyaninha e o Doutor em Medicina Antonio Pacheco Mendes, já citado.

JOSÉ MENDES PEREIRA DE VASCONCELLOS.—Nascido em Sant'Anna a 7 de Janeiro de 1844, é filho de Antonio Mendes Pereira de Vasconcellos.

Bacharelou-se em sciencias sociaes e juridicas na Faculdade de Direito do Recife em 1871. Foi escripturario da Alfandega de Pernambuco, juiz municipal de São Bernardo das Russas e de Villa-Viçosa, inspector do Thesouro provincial do Ceará, deputado provincial no biennio de 1882 a 1883. Foi eleito e reconhecido senador estadual em 1891.

Fundou o hebdomadario *Municipio de Sant'Anna* e redigiu-o por espaço de seis annos.

E' o provedor da Casa de Caridade de Sant'Anna, e nessa cidade exerce a profissão de advogado.

JOSÉ NAVA (Dr).—Medico e pharmaceutico pela Faculdade do Rio de Janeiro, ex-interno da Clinica Cirurgica da Policlinica geral do Rio de Janeiro, ex-interno da Casa de Saude do Dr. Eiras, ex-membro do Gremio dos internos dos Hospitaes do Rio de Janeiro.

Nasceu em Fortaleza a 18 de Setembro de 1876, e foram seus paes Pedro da Silva Nava, negociante, e D.ª Anna Pamplona Nava.

Sua these de doutoramento apresentada á Faculdade a 5 de Outubro de 1901 versou sobre *Responsabilidade juridica dos aphasicos*, in 8.º de 101 pp. Typ. d'*A Tribuna*, rua Moreira Cesar n.º 132. Rio, 1901.

E' actualmente um dos redactores do *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia* em Juiz de Fora, Minas, cidade onde exerce a profissão.

JOSÉ NOGUEIRA BORGES DA FONSECA (Dr.) Nasceu em Maranguape a 15 de Agosto de 1850 e falleceu a 27 de Junho de 1881 no dia que ahi chegara e em caminho para o sitio Pirapora. Filho de Camillo Nogueira Borges da Fonseca e D. Irene Pontes de Aguiar.

Doutorou-se em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro a 12 de Janeiro de 1878, sendo approvada com distincção sua these sobre o *Diagnostico e tratamento da syphilis visceral.*

Foi o orador escolhido pelos doutorandos para o acto solemne da collação do grau, e seu discurso vem publicado no *Jornal do Commercio* de 13 de Janeiro e transcripto na *Constituição*, de Fortaleza, de 2 de Fevereiro.

O Dr. José Nogueira era poeta, não publicou, porem, volume algum de versos, deixou-os espalhados pelos jornaes de seu tempo de estudante. Depois de sua morte grande numero de poesias suas foram dadas á luz.

Escriptas na maior parte no genero *recitativo*, em voga então, inda hoje são cantadas pelas jovens Cearenses algumas de suas poesias, o recitativo *Confidencia* por exemplo, para não citar outras.

Escrevendo sobre o poeta, diz o Dr. Araripe Junior, patricio e contemporaneo, que o conheceu de perto: «O Dr. José Nogueira era o que se pode dizer—uma organisação lyrica, mas de um lyrismo morbido, que, dilindo-lhe a alma, fibra por fibra, constituia-se-lhe um tormento eterno».

José Nogueira serviu por algum tempo como medico da Estrada de Ferro de Sobral.

JOSÉ NUNES DE MELLO (Coronel).—Filho de Ma-

noel Nunes de Mello e D.ª Paula Maria de Jesus, nasceu a 8 de Junho de 1823 em Fortaleza á rua do Quartel.

Occupou varios cargos de eleição popular e de nomeação do Governo, datando sua vida publica de 1838 quando foi nomeado collaborador da Secretaria do Governo sem ordenado pelo presidente de então Manoel Felisardo.

Aposentado no cargo de official maior da Secretaria do Governo, passou ao de Commandante do Corpo Policial até 1878.

Era condecorado com o Officialato da Ordem da Rosa por serviços prestados á Guerra do Paraguay (Julho de 1867) e Coronel do 1.º Batalhão da Guarda Nacional do Municipio de Fortaleza (13 de Agosto de 1867).

Representou a provincia como deputado provincial nos biennios de 1858, 1860, 1862, 1868, 1872 e 1874.

Falleceu aos 58 annos de edade em Fortaleza a 24 de Fevereiro de 1882, tendo servido com 40 presidentes e vice-presidentes em exercicio.

Redigiu o *Independente*, cujo 1.º n.º é de 12 de Maio de 1878. Era um jornal em opposição á administração José Julio.

Publicou:

—*Refutação* ao folheto do Sr. João Brigido—A eleição do 3.º districto do Ceará, Fortaleza. Typ. da *Aurora Cearense*, impresso por José Leocadio Ferreira Soares, 1867, in 4.º de 14 pp.

JOSÉ ONOFRE MUNIZ RIBEIRO (Dr.)—Filho de Onofre Muniz Ribeiro e D. Tarcilla Ferreira Ribeiro.

Nasceu em Sobral. Cursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em Setembro de 1887.

Sua dissertação de these foi — *Cadeira de Anatomia topographica e Operação Da amputação de Pirogoff*: suas indicações e contra indicações.

Sua these apresentada á Faculdade a 30 de Agosto de 1886 foi sustentada a 24 de Setembro de 1887.

Permaneceu por muito tempo no Estado de S. Paulo e depois no Rio de Janeiro, onde falleceu em Agosto de 1903.

JOSÉ PACHECO DE LIMA.—E' auctor do *Mappa* geographico da Provincia do Ceará offerecido a S. M. o Sr. D. Pedro II por intermedio do Exm. Sr. Conselheiro Vicente Pires da Motta, actual Presidente desta Provincia, por José Pacheco de Lima, piloto hydrographico approvado pela Academia de Lisboa, cujo trabalho propoz-se a fazer a sua custa já a tempos, vindo a concluir em 1853, tirando praticamente em rumo magnetico, igualmente por ter visto as grandes alterações que tem no Mappa do Brazil e outros que têm apparecido que até feixa a Serra Grande com a do Pereiro e Apodi havendo uma grande distancia; e tambem para tirar os meus patricios de alguns enganos na geographia. Cidade da Fortaleza, 28 de Julho de 1854.

JOSÉ PACIFICO CARACAS (Dr.)—Filho de José Pacifico da Costa Caracas e D. Anna Felicia de Lima nasceu em Baturité a 4 de Agosto de 1856. Medico adjuncto do Hospital Geral de Misericordia, do Rio de Janeiro, ex-interno da Clinica Cirurgica da Faculdade no mesmo Hospital.

Cursou as Faculdades da Bahia e do Rio. Para receber o diploma de doutor apresentou e sustentou theses a 14 de Dezembro de 1881.

A dissertação de suas theses versou sobre o *Valor das injecções hypodermicas no tratamento das molestias* e as proporsições sobre *Estudo medico legal das manchas de esperma*, *Anesthesicos*, *Araroba, sua acção physiologica e therapeutica.*

JOSÉ PATRICIO DE CASTRO NATALENSE.—Filho do tabellião de Canindé Francisco de Paula Natalense, fallecido em 1878, e de D. Innocencia Carolina de Castro.

Nasceu em Quixeramobim a 17 de Março de 1840, formou-se em sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de Pernambuco em Novembro de 1870 e morreu a 14 de Junho de 1893 como juiz de direito da comarca de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, Rio Grande do Sul, para a qual fôra nomeado em Junho de 1890. Foi na Provincia juiz municipal de Maria Pereira.

Publicou quando estudante um livro de versos sob o titulo *A Camponeza*, depois de formado, em 1883, o poemeto *A Ceareida e O Brazil Livre, Epilogo da Ceareida* (Abolição da escravatura) Ceará 1888, Typ. Economica, Praça do Ferreira, 43.

JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA (Barão de Aracaty).—Filho do negociante portuguez José Pereira da Graça e de D. Maria Candida Carneiro Monteiro, nasceu na cidade do Aracaty a 14 de Março de 1812.

Depois de fazer os estudos primarios em sua cidade natal, seguiu para Coimbra, reino de Portugal, onde aprendeu os preparatorios para o curso de direito. Regressando ao Brasil, matriculou-se na Academia de sciencias sociaes e juridicas e formou-se em Olinda em 1834. Casou-se em Recife em 1833 com D. Maria Adelaide de Alencastro, filha legitima de José Joaquim de Alencastro e D. Maria Eduarda Carneiro Leão.

Fixando sua residencia em sua provincia natal, ahi exerceu os cargos de Juiz de direito do Icó, Quixeramobim e Aracaty, e como deputado provincial fez parte em diversas legislaturas. Representou o Ceará como deputado geral supplente na 5.ª legislatura de 1843—1844 e como deputado effectivo na 8.ª legislatura de 1850—1852. Pela Assembléa Pro-

vincial foi nomeado em commissão com o Dr. Miguel Fernandes Vieira e o Coronel Francisco Xavier Torres em 19 de Outubro de 1842 para cumprimentar ao Imperador D. Pedro 2.º pelo casamento com D. Thereza Christina Maria. Pertenceu sempre ao partido conservador, em cujas lutas politicas e na imprensa tomou parte activa, até que retirou-se á vida privada e vida de mero magistrado em 1852.

Por Decreto de 16 de Janeiro de 1857 foi nomeado Desembargador da Relação do Maranhão. Exerceu o cargo de Adjuncto e de Presidente do Tribunal do Commercio da mesma Provincia; e foi elevado ao de Presidente da Relação por Decreto de 4 de Julho de 1874. Teve o titulo de conselho por Decreto de 31 de Julho do mesmo anno. E em 22 de Dezembro de 1876 foi nomeado Membro do Supremo Tribunal da Justiça, cargo em que a pedido se aposentou com todos os vencimentos pelo Decreto de 26 de Fevereiro de 1887, galardoando-o então o Governo Imperial com o titulo de Barão de Aracaty por seus serviços prestados á magistratura e ao Estado.

Administrou, como 2.º vice-presidente, a provincia do Maranhão, por quatro vezes, em 1870, 1871, 1872 e 1875, tornando-se notavel por sua moderação, criterio, zelo e economia. Em semelhante qualidade, apresentou, já a seus successores, já á Assembléa provincial, minuciosos relatorios que foram impressos.

Falleceu no Rio de Janeiro a 29 de Janeiro de 1889, deixando larga descendencia, dignamente representada por seus filhos varões Dr. Heraclito Graça (ex-presidente de provincia e ex-deputado geral), Desembargador Abel Graça, Benjamin Graça (consul em disponibilidade) general José Pereira da Graça Junior, Contr'almirante Affonso de Alencastro Graça, Dr. Henrique Graça (Juiz de Direito) e Adolpho Alencastro Graça, capitão de infanteria (todos cearenses, menos o general José Pereira da Graça Ju-

nior, nascido em Pernambuco) e por trez filhas, duas das quaes casadas no Maranhão, uma com o negociante Manoel Silvestre da Silva Couto e outra com o jornalista Commendador Themistocles da Silva Maciel Aranha, sendo, portanto, o Barão de Aracaty o avô de Graça Aranha, membro da Academia Brasileira e auctor da *Chanaan*.

JOSÉ PEREIRA DE AZEVEDO (Dr.) — Conhecido no Aracaty, onde nasceu, por José Cotia, appellido que lhe foi posto por Fidelis Maia, que então era empregado na casa commercial de Guilherme Pereira de Azevedo. Foi seu pae o portuguez José Francisco de Oliveira, o José do Camillo como lhe chamavão; ainda vivem no Aracaty uma sua irmã e um irmão que é pedreiro. Foi educado por D. Thereza de Azevedo, esposa de Antonio Pereira de Azevedo, que nelle descubrira extraordinaria aptidão para as lettras. Foi eximio tocador de piston e apontado em seu tempo como o melhor estudante de latim no Aracaty segundo o dizer do proprio professor Rvd. Conego Francisco Pinheiro.

Estudava no Gymnasio de Pernambuco quando teve o infortunio de perder sua protectora; essa, porém, não o esquecera porquanto contemplou-o no testamento com um legado de quatro contos de réis.

Em companhia de um genro da finada José Pereira transportou se para Portugal e depois de frequentar as Academias recebeu a laurea de doutor em medicina.

Nunca mais voltou á terra do berço. Faz parte do corpo medico da marinha Portugueza, tendo patente superior.

JOSÉ PEREIRA MARTINS.— Nasceu em Mecejana em 1872, sendo seus paes José Pereira Martins e D.ª Raymunda da Costa Martins, ambos naturaes do Aracaty.

Em 1886 iniciou a vida de typographo nas officinas do *Cearense* e desde então tem trabalhado nos jornaes *A Patria*, *O Combate* (no caracter de gerente), *O Diario*, *O Norte*, e nas officinas Studart, das quaes sahiu para a *Republica*, onde permanece.

Muito dedicado ao estudo e ao cultivo das letras José Martins tem publicado ligeiros trabalhos e são:

—*Impressões de viagem*, Typ. d'*A Republica*, 1892.

—*Painel rustico*, Typ. Studart, 1895.

—*Descripção de um Presepio*, Typ. da *Republica*, 1898.

—*Izaura*, conto, Fortaleza, 1901, in 4.º de 17 pp, Typ. Minerva.

—*Sylphos*, livro de versos, in 16.º, 38 pp. 1898—1901, Fortaleza, com prefacio de José de Castro.

—*Canticos*, livro de versos, Fortaleza, 1902—1903, in 8.º de 24 pp. com prefacio de Joaquim Fabricio.

Com Francisco de Vasconcellos e outros membros da sociedade de S. Vicente de Paulo publicou a 8 de Setembro de 1902 o *Pão dos Pobres*.

JOSÉ PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES.—Nasceu em Milagres e é filho de Irineu Pinheiro Bezerra de Menezes e de D.ª Joaquina Moreira Bezerra de Menezes. Seu pae viuvando ordenou-se de presbytero e é actualmente Vigario de Mecejana.

Começou os estudos no Seminario do Crato em 1893 donde passou se para o Rio de Janeiro, mas de lá foi obrigado a voltar por doento para a Serra de Baturité, onde residia então seu pae.

Restabelecendo-se, matriculou-se em 1899 no Seminario da Fortaleza e ahi concluiu os preparatorios no anno seguinte. Foi incumbido pelo P.e Pedro Esmeraldo, orador de nomeada e então presidente da sociedade litteraria e scientifica «Recreio Litterario» para apresentar um trabalho geologico á sessão solemne de 19 de Julho de 1900 da referida sociedade da qual o nosso biographado foi successivamente

orador official, na inauguração, 2.º vice-presidente e depois 1.º vice presidente e presidente de varias commissões.

No momento em que escrevo estas linhas José Pinheiro Bezerra de Menezes cursa as aulas da Escola Militar do Realengo.

Publicou:

—*Maravilhas Naturaes da America* ou Discurso geologico sobre a America e especialmente sobre o Ceará recitado na sessão solemne de 19 de Julho de 1900 no Seminario de Fortaleza, Ceará.—Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1901, in 8.º de 31 pp.

JOSÉ PINTO COELHO D'ALBUQUERQUE (Coronel).—Filho do capitão Antonio Cosme d'Albuquerque Mello e D. Candida Pinto d'Albuquerque, nasceu na cidade do Icó a 25 de Março de 1849.

Na dita cidade fundou uma casa commercial com o titulo «O Guarany», a qual liquidou muito honrosamente quando mudou-se para a Fortaleza em 1894.

Na mesma cidade exerceu os cargos de Secretario da Camara, Escrivão da Collectoria Provincial, Promotor publico interino, Vereador da Camara, supplente do Juiz Municipal e foi o primeiro Intendente depois da Republica, cabendo-lhe a honra de constituir o municipio e organisar todas as suas leis.

Em 1892 foi eleito deputado á Assembléa Constituinte do Estado, cuja 1.ª sessão presidiu e foi eleito para as 3 legislaturas que se seguiram até 1904, occupando o logar de 2.º Vice presidente. Obteve diploma para a 4.ª legislatura futura de 1905 a 1908.

Na Fortaleza exerceu o logar de Auxiliar da E. de Ferro de Baturité, para o qual foi nomeado a 31 de Outubro de 1893, o de Administrador das Capatasias da Alfandega, nomeado a 24 de Agosto

de 1894, o de Delegado da Directoria Geral de Estatistica, nomeado a 7 de Agosto de 1900 e exerce presentemente o logar de Administrador dos Correios do Estado, por nomeação de 27 de Dezembro de 1901.

Publicou:

—*Relatorio* da administração dos Correios do Ceará, apresentado em 1903 ao Exm. Snr. Dr. Luiz Betim Paes Leme, Director Geral dos Correios, pelo administrador José Pinto Coelho d'Albuquerque. Fortaleza, 43 Typ. Economica P. do Ferreira, 1903.

—*Relatorio* da administração dos Correios do Ceará, apresentado em 1904 ao Exm. Snr. Dr. Luiz Betim Paes Leme, director Geral dos Correios pelo administrador José Pinto Coelho de Albuquerque. Ceará, Typ. Economica 43, Praça do Ferreira, 1904.

JOSÉ PINTO NOGUEIRA (Dr.) - Nasceu no Icó a 29 de Setembro de 1855, sendo seus paes o negociante Tenente-Coronel Casimiro Pinto Nogueira, nascido a 2 de Março de 1832, chefe do partido liberal do Icó, e D. Anna Pinto Nogueira.

E' o medico da Camara Municipal de Fortaleza e ajudante do Inspector de Hygiene do Ceará por nomeação de 4 de Novembro de 1898.

Sua these para o doutoramento apresentada á Faculdade da Bahia versou sobre *Arsenicaes, sua historia natural, acção physiologica e effeitos therapeuticos*, e foi impressa na Typ. dos Dous Mundos, Rua Conselheiro Saraiva n.º 44. 1884, in 8.º de 46 pp.

JOSÉ POMPEU DE ALBUQUERQUE CALVACANTE. — Filho de José Cavalcante e D. Josepha Maria Cavalcante, nasceu a 10 de Abril de 1839, e dedicando-se á engenharia militar formou-se em 1865 seguindo logo em commissão para a provincia do Piauhy.

Deixando a carreira militar, na qual attingiu ao posto de Capitão, voltou ao Ceará a cujo pro-

gresso material e intellectual desde então entregou-se com amor.

Foi vereador e presidente da camara municipal de Fortaleza, engenheiro da Provincia, deputado e presidente da assembléa provincial e deputado geral em trez legislaturas e no Rio de Janeiro fiscal da Empreza de viação central e intendente da Camara Municipal da Capital Federal.

Illuminou por muito tempo com seus escriptos as paginas do *Cearense*, orgam liberal da Provincia.

Falleceu no Rio de Janeiro, onde fixara residencia desde 1885, victimado por um aneurysma da aorta, a 14 de Julho de 1891.

E' autor dos seguintes trabalhos.

—*Discurso* pronunciado a 18 de Fevereiro de 1877 por occasião de collocar-se no Gabinete Cearense de Leitura o retrato do Dr. Antonio Dominmingues da Silva. Encontra se publicado no *Mercantil*, de 1 de Março.

—*Retrospecto* sobre os projectos de melhoramento do porto da Fortaleza pelo Engenheiro J. Pompeu. Ceará, 1878, 8.º de 65 pags.

O vol. contém a serie de artigos que o A. publicou no jornal *Cearense* em 1869.

—*O Ceará em 1887. Chorographia* da Provincia do Ceará por José Pompeu de A. Cavalcante, natural da mesma provincia. Imprensa Nacional, 1888. 8.º de 322 pp. contendo as ultimas 81 pags. um Esboço Historico do Ceará.

—*Apontamentos* sobre a construcção de açudes.

Deixou por acabar um romance historico *As Lavras da Mangabeira* ou as *Minas do Ceará* e um *Diccionario* geographico e historico do Ceará. Daquelle publicou Julio Pompeu, seu filho, o 1.º e 2.º capitulos na *Noticia* (secção Au jour le jour) e *Debate* (n.º 301), do Rio de Janeiro.

José Pompeu Pinto Accioly. (C.[el])—Filho do Commendador Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly e D. Maria Thereza Pompeu Pinto Accioly, nasceu em Fortaleza a 7 de Maio de 1873.

A 8 de Maio de 1889 matriculou-se na Escola Militar do Ceará, da qual foi em 1893 desligado por enfermo.

Em Dezembro do dito anno apresentou-se á Escola, embarcando no *Nictheroy*, da esquadra legal no qual permaneceu até a terminação da revolta de Setembro. Em Maio de 1894 foi promovido ao posto de alferes.

Em 1895 matriculou se novamente na Escola do Ceará, onde concluiu o curso de preparatorios, seguindo a 22 de Fevereiro de 1896 para a Escola de Porto Alegre em cujo 1.º anno do curso geral se matriculou.

Em Junho do mesmo anno pediu desligamento por motivo de molestia, voltando então ao Ceará. Em Novembro tendo sido julgado em junta medica militar incapaz para o serviço do exercito, pediu e obteve demissão do posto de alferes.

Em Dezembro ainda do mesmo anno foi eleito deputado estadoal e nomeado depois Secretario do Interior, cargo que exerceu até Julho de 1900.

Foi reeleito deputado estadoal para o quatriennio de 1900 a 1904, cabendo lhe o difficil e honroso papel de leader da maioria.

Em Julho de 1904 foi novamente chamado a exercer as funcções de Secretario do Interior. E' lente de Geometria do Lyceu de Fortaleza.

Por alguns mezes esteve a seu cargo a redacção d'*A Republica*, orgam official do Estado.

Escreveu:

— *Relatorio* apresentado ao Exm.º Snr. Presidente do Estado do Ceará, Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, pelo Secretario dos negocios do in-

terior, José Pompeu Pinto Accioly. Junho de 1897. Fortaleza, Typ. Economica, Praça do Ferreira, 43. 1898.

— *Relatorio* apresentado ao Exm.º Snr. Presidente do Estado do Ceará, Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, pelo secretario dos negocios do interior José Pompeu Pinto Accioly - Junho de 1898. Fortaleza, 1898, Typ. Economica

— *Relatorio* apresentado ao Exm.º Snr. Presidente do Estado do Ceará, Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, pelo Secretario dos negocios do interior José Pompeu Pinto Accioly. Junho de 1899. Fortaleza, 1899, Typ. Economica.

—*Relatorio* apresentado ao Exm. Snr. Presidente do Estado do Ceará, Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, pelo secretario dos negocios do interior José Pompeu Pinto Accioly. Junho de 1900. Fortaleza 1900, Typ. Economica.

JOSÉ RUFINO SOARES VALAMIRA (Padre).— Nasceu na fasenda Graciosa, termo da Cratehus, em 1818, sendo seus paes o Capitão Manoel Pereira Soares e D. Maria Soares de Mello. Era reputado talento de primeira ordem.

Foi vigario em Marvão, Valencia e Amarante, onde falleceu em 1894.

JOSÉ QUINTINO DA CUNHA:—Nasceu em S. Francisco de Uruburetama a 24 de Julho de 1875, sendo o 2.º filho do casamento de João Quintino da Cunha com D. Maria Maximina da Cunha.

Foi alumno da Escola Militar do Ceará, e hoje entrega-se á vida de advogado no Estado do Amazonas, a cuja magistratura pertenceu tambem por algum tempo.

Estreou na imprensa aos 11 annos de edade. Redigiu o *Album* de Baturité e collaborou no *Cruzeiro*, *Oitenta e Nove* e *Municipio*, da mesma cidade, *Ceará*,

Iracema e *Estado do Ceará* de Fortaleza, *Noticia* do Rio de Janeiro, *Patria* de Manáos.

Faz parte do Centro Litterario, de Fortaleza.

Publiçou:

Cabelleira (A morte de), elegia, Typ. d'*O Municipio*, Baturité, 1902, 39 pp.

JOSÉ SILVINO DE VASCONCELLOS (P.e)—Filho de José Ferreira de Vasconcellos e D. Anna Francisca de Vasconcellos, ordenou-se nesta Diocese.

Foi vigario de S. Francisco de Uruburetama donde retirou-se por doente e é residente em Sobral.

Nasceu em Sant'Anna.

JOSÉ SOMBRA (Dr.)—Filho do Coronel Joaquim José Souza Sombra, de quem já me occupei, e D. Severina Correia Sombra, nasceu em Maranguape a 4 de Dezembro de 1852.

Aos 14 annos de edade deixou o Ceará indo estudar preparatorios no Collegio Gymnasio Bahiano, onde por sua intelligencia e applicação recebeu uma medalha de prata.

Havendo-se matriculado em 1872 na Faculdade de Medicina da Bahia transportou-se para a do Rio de Janeiro e nella recebeu a laurea de doutor em 1881. No anno seguinte partiu para a Europa e em Vienna d'Austria e Paris dedicou se principalmente aos estudos de gynecologia. De volta á terra natal, pouco se entregou á vida da clinica, minando-lhe as forças diuturna e pertinaz enfermidade.

Desde os tempos dos preparatorios José Sombra salientou-se entre os companheiros pelo amor aos estudos de philosophia e linguistica e estes estudos elle os aperfeiçoou posteriormente. Sua bibliotheca nesse particular era a melhor provida e escolhida

que em Fortaleza existia; por varias mãos se dispersou ella com a morte do dono.

O amor de José Sombra pelos estudos didacticos revelou-se com exuberancia quando era simples academico; prova-o a discussão que travou em Outubro de 1877 nas paginas da *Constituição* escrevendo os artigos sob o titulo *Compendio de Grammatica da Lingua Nacional* por Manoel Soares da Silva Bezerra. A esses artigos respondia o Dr. Manoel Soares na *Tribuna Catholica* com a epigraphe *Resposta á critica de um Snr. Estudante á minha Grammatica.*

Sua these de doutoramento versou sobre *Condições Pathogenicas das palpitações do coração e meios de combatel-as* e sahiu da Imprensa Industrial, Rio de Janeiro, rua da Ajuda n.º 75, 1882.

Falleceu em Fortaleza a 16 de Março de 1888.

Um mez após sua morte o Instituto do Ceará, de que era thesoureiro, celebrou em sua memoria solemnissima sessão, pronunciando discursos funebres o presidente e o orador dessa Associação Snrs. Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca e Julio Cezar da Fonseca Filho. Uma e outra peças oratorias vêm publicadas na Revista do Instituto, 2.º Trimestre de 1888.

JOSÉ TEIXEIRA DA GRAÇA (Monsenhor).—Filho do Coronel Antonio Pereira da Graça, nasceu em 1853 na cidade do Aracaty, e estudou no Seminario do Ceará recebendo as ordens de presbytero em 1876.

Nomeado Vigario de Parangaba, prestou os mais relevantes serviços na secca de 1877- 79; da Vigararia de Parangaba passou se para a capellania de Passagem das Pedras, de onde foi chamado para o Curato da Sé de Fortaleza.

Foi presidente da Assembléa Provincial da antiga Provincia e presidente da Sociedade *União do Clero*, e mereceu de Leão XIII o Monsenhorato e o titulo de Camareiro Secreto.

Consultado para acceitar o bispado do Pará, recusou essa honraria por tantos appetecida.

Falleceu em Fortaleza pela madrugada de 24 de Julho de 1894. Seu enterro foi uma verdadeira apotheose.

Sobre o facto escrevi as seguintes linhas na Edição Especial, que a *A Verdade* deu a 2 de Agosto em honra do illustre morto, que era seu redactor-chefe, edição em que collaboraram tambem Paulino Nogueira, Antonio Augusto de Vasconcellos, Ferreira do Valle, Epaminondas da Frota, José Lino, Pedro de Queiroz, José Carlos, Gonçalo Souto, Alvaro de Alencar e outros:

« Prefiro desviar os olhos de minha alma do estreito quarto e da humilde cama em que contemplei, estortegando vencida pela doença, aquella pujante organisação para espraial-os, muita vez embaciados pela lagrima, sobre a multidão movida pelo mesmo sentimento em sua romaria á cidade dos finados.

Não que me sinta insurrecto contra a idéa da morte.

Fôra isto um desacerto ante as doutrinas, que commungo.

Fôra sentir-me em contradicção com os meus sentimentos de pensador christão.

Pois que o tumulo é o portico da Chanaan celeste não posso rebellar-me contra o desfecho d'esse drama que é a vida, nem revoltar-me porque alguem tenha attingido o marco ultimo da sua peregrinação.

Mas eu prefiro recordar aquelle oceano de povo, eloquentissimo em sua mudez resignada, prestando a ultima homenagem a um simples padre, proclamando a belleza da alma do combatente para quem cerrara-se o cyclo da vida terrena e affirmando ao mesmo tempo suas proprias crenças na doutrina do dôce Jesus.

Porque é um facto: aquellas cinco mil pessoas após o feretro do virtuoso cura da Sé eram uma homenagem ao morto e tambem á Religião de que elle fôra o ministro bom e piedoso.

Grandiosa manifestação! Scena tocante e singularmente commovedôra!

Aquelle morto não tinha-se guindado ás cumeadas do poder, não lhe embalaram o berço as caricias da fortuna, nem sentaram-se em torno do leito de seu somno derradeiro parentes poderosos ou de nomes conhecidos nos nobiliarios, e não obstante a nova de sua enfermidade abalou a grande alma do povo cearense, não obstante grandes e pequenos, os ricos e pobres, e estes sobretudo, sentiram se feridos no golpe que lhe vibrou a morte.

Quem ou o que sagrou o então na consciencia de seus concidadãos?

Quem ou o que transformou o dia do passamento de um pobre sacerdote em data de luto nacional?

Porque sua campa orvalha-se com as lagrimas da patria e junto a ella vela-se de crepes o anjo da Religião?

Elle foi o padre segundo o Evangelho e viram-o todos sempre nos caminhos do bem, eis porque deram-lhe todos a lagrima pura da saudade e encheram-lhe a campa com as olorosas flores da gratidão e do amor quando o Senhor chamou o á eterna Sião, cujas grandezas elle cantara tanta vez em seus arroubos de crente».

Seus restos repousam no cemiterio de S. João Baptista em mausoléu levantado pelos amigos e admiradores.

E' author do:

Relatorio apresentado pelo 1.º Vice-presidente... aos 21 de Setembro de 1882, 3.º anniversario da fundação do Gabinete de Leitura Aracatyense, publicado no *Pedro II*, jornal de Fortaleza.

JOSÉ VICENTE DUARTE BRANDÃO—Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade do Recife. Dedicou-se á agricultura.

Falleceu em Pernambuco em 1887 quando rendeiro do engenho Camorim, freguezia de S. Lourenço.

Era irmão do Barão do Crato, de quem já me occupei.

JOSÉ VICENTE FRANCA CAVALCANTI.—Nasceu na cidade de Sobral a 23 de Junho de 1852, e foi filho do capitão Vicente Candido Cavalcanti, já fallecido, e de D.ª Philadelpha da Franca, filha do Coronel Joaquim Lourenço da Franca e Silva e de D.ª Maria Carolina.

Occupou o cargo de Secretario da Camara Municipal de Sobral em 1883, por alguns annos, por portaria de 13 de Agosto de 1888 foi nomeado Capitão da Guarda Nacional do Batalhão n.º 15 da freguezia da Meruoca e por titulo de Outubro 1888 Tabellião Publico e Official do Registro.

Tomou a direcção do jornal—*A Ordem* no dia 28 de Setembro de 1877, quando foi fundado pelo antigo partido Conservador, sendo mais tarde proprietario delle até a data de seu fallecimento, que teve logar a 14 de Fevereiro de 1898. Daquella data em diante a *Ordem* passou a ser propriedade de seu filho Antenor Cavalcanti.

Nas paginas desse jornal José Vicente publicou interessantes *Notas* para a Historia de Sobral.

JOSÉ VIEIRA RODRIGUES DE CARVALHO E SILVA.—Filho de outro de egual nome, que foi juiz de direito e chefe de policia na antiga Provincia, e natural de Fortaleza.

Dedicando-se á vida de empregado publico fez parte do quadro da Thesouraria de Fazenda e da Alfandega de Ceará e posteriormente da Alfandega de Paraná. Escreveu:

Apontamentos uteis aos despachantes das Alfandegas. Fortaleza, Typ. Universal, rua Formosa n.º 33, Cunha, Ferro & C.ª—1893.

JOSÉ WELLINGTON CABRAL DE MELLO (Dr.)—Nasceu a 19 de Agosto de 1856 em Pacatuba, sendo seus paes o Commendador Antonio Cabral de Mello e D. Henriqueta Herminia Cabral.

Para se doutorar em Medicina escreveu: *Dos aneurysmas* em geral. Das relações que existem entre o adenoma, o sarcoma e o carcinoma da glandula mamaria na mulher e do diagnostico em sua evolução inicial. Acção physiologica e therapeutica do salicilato de soda. Do opio chimica, pharmacologicamente considerado. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 28 de Setembro de 1883 e perante ella sustentada a 18 de Dezembro. Rio de Janeiro. Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 31, Rua do Ouvidor, 1883.

ERRATA — A' pag. 44, linha 26, ajunte-se á *Mensagem do Centro Cearense* as palavras *ao Ceará*.
A' pag. 65, linha 22, lêa *1868* em vez de *1869*.

B. de Studart.

